

# LINGUASAGEM

## OS SUJEITOS-GAYS E OS APLICATIVOS DE RELACIONAMENTO: SENTIDOS SOBRE AS DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS NO JORNALISMO BRASILEIRO

Gustavo Grandini BASTOS<sup>1</sup>

### Resumo

As transformações tecnológicas produziram uma série de modificações na forma como os sujeitos-gays estabelecem relações de sociabilidade no espaço urbano, com destaque para os encontros sexuais, o que produz novas abordagens sobre eles nos espaços da imprensa brasileira, destacando uma série de consequências desse uso, entre elas, o aumento nas taxas de contaminação com Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e o perigo que a facilidade em encontrar parceiros para o sexo casual produzem na vida desses sujeitos. Analisamos recortes discursivos produzidos por dois espaços da imprensa (Portal G1 e O Estado de S. Paulo) sobre a relação entre o uso dos aplicativos e o aumento nos casos de DST entre os sujeitos-gays, mobilizando os conceitos da Análise do Discurso de linha francesa para realizar o trabalho.

**Palavras-chave:** Aplicativos de relacionamento; Jornalismo; Sujeitos-gays; Doenças Sexualmente Transmissíveis.

### Abstract

The technological transformations produced a series of modifications about gay relationships in the cities, mainly sexual meeting. Produces new forms on them in the spaces of the Brazilian press, highlighting a series of consequences of that used, among them, the increase in the rates of contamination with Sexually Transmitted Diseases (STD) and the danger that the ease in finding partners for the casual sex produce in the life of these subjects. We analyzed discursive cuts produced by two press spaces (Portal G1 and O Estado de S. Paulo) on the relationship between the use of social networking and the increase in STD cases among gays, mobilizing the concepts by means of French Discourse Analysis.

**Keywords:** Gays and social networking; Journalism; Gays; Sexually Transmitted Diseases.

Neste trabalho, filiado à perspectiva teórica da Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD), referencial teórico inaugurado e desenvolvido na esteira dos trabalhos de Michel Pêcheux (1997) analisamos o modo como circulam sentidos acerca da questão das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) em materiais jornalísticos

<sup>1</sup> Doutor em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Processos Culturais e Subjetivação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São

publicados no Brasil entre os anos de 2010 a 2015 sobre dois aplicativos de relacionamento voltados aos sujeitos-*gays*, o Grindr e o Hornet, tomando como *corpus*, materiais jornalísticos publicados em dois espaços de notícias *on-line* brasileiros, o portal G1 e a versão *on-line* do jornal O Estado de S. Paulo.

Nas análises realizadas, objetivamos refletir como a questão das DST são identificadas como relevantes nesses aplicativos de relacionamento, como existe uma memória que envolve os sujeitos-*gays* e que marca um jogo de relação de sentidos com essas doenças, em especial, a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) e o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), o que, em nossas considerações, propicia que haja a naturalização das iniciativas, preocupações e produções discursivas sobre esse tema para os sujeitos-*gays*. Mobilizamos, como suporte para a realização de nossas análises, dois conceitos do bojo teórico da AD: condições de produção e memória discursiva (ORLANDI, 2007; PÊCHEUX, 1997).

Dividimos o texto em três partes: i) discussão teórica acerca dos aplicativos de relacionamento voltados para os sujeitos-*gays* e das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), considerando que é pela materialidade e as especificidades do digital que é possível pensar o funcionamento dessas redes, elemento essencial para discutirmos as condições de produção do *corpus* da pesquisa e o meio pelo qual os sujeitos-*gays* estabelecem relações no contexto da contemporaneidade. Nesta seção, apresentamos considerações sobre os sujeitos-*gays* e sua relação com essas tecnologias de conexão; ii) as questões referentes à AD, sua estruturação analítica, metodológica e teórica, abordando as noções de condições de produção e memória discursiva, mobilizadas para o desenvolvimento das análises do texto. Apresentamos análises e questões teóricas em um movimento pendular, característico do trabalho realizado pelos analistas do discurso e abordando os procedimentos referentes a estruturação do trabalho (ORLANDI, 2007; PÊCHEUX, 1997); e iii) a apresentação de breves considerações parciais.

### **A contemporaneidade das/nas redes: sujeitos-*gays* no ciberespaço**

As tecnologias produzem alterações nas relações e dinâmicas vivenciadas pelos sujeitos, especificamente as TIC, que envolvem o ciberespaço e a internet. O imaginário envolvendo a tecnologia e sua potência são observados em nosso cotidiano, veiculados por meio de propagandas, mensagens políticas, discursos institucionais e dizeres dos sujeitos. Tecnologias que transformam os corpos, as relações afetivas, sexuais e sociais

e permitem novos modos de estabelecer relações com outros sujeitos. Consideramos que os aplicativos de relacionamento são exemplos de como as redes de sociabilidade e as TIC promovem alterações nos gestos de interpretação dos sujeitos-*gays*, no modo como vislumbram possibilidades de estabelecerem relações e facilitam a promoção de encontros, seja para a realização do sexo casual ou a busca por romance. É significativo, também, o modo como outros sentidos são possíveis de serem formulados e circularem diante das novas condições de produção da contemporaneidade.

Não é uma questão atual a valorização das tecnologias, essa afirmação ganha consistência ao refletirmos sobre o modo como elas são mobilizadas para definir os períodos culturais e históricos da humanidade, como a Idade da Pedra, Idade do Bronze, Revolução Industrial, Idade do Aço e a Era de Gutemberg. É entre os séculos X e XIII que ocorre o *boom* tecnológico na Europa, mas destacamos que os desenvolvimentos das tecnologias foram identificados nas mais variadas culturas existentes, considerando que é possível observar a diferença de avanços tecnológicos de uma sociedade para outra (POSTMAN, 1994). Historicamente, a identificação do desenvolvimento tecnológico é positiva e, em muitos momentos, a tecnologia é posta em uma posição de importância (quase) divina, produzindo sua exaltação e valorização, algo que, na atualidade, ganha ainda mais força.

No século XIX, ocorre a identificação do progresso técnico e econômico como mola propulsora do tecido da modernidade, compreendendo esses dois pontos como inseparáveis do que é visto como avanço, como ideal de futuro moderno. Nesse cenário, a velocidade também ganha *status* e sua valorização é uma realidade (PICON, 1996). O progresso tecnológico e a velocidade são atrelados ao ideal de potência, a condição essencial para o funcionamento dos objetos tecnológicos da e na contemporaneidade. Pensemos nos aplicativos analisados: pela potência das redes e da estrutura *on-line* é que a troca de mensagens, o mapeamento, via Sistema de Posicionamento Global (GPS), dos sujeitos-*gays* próximos e a facilidade da busca por parceiros sexuais é possível, mas, ao mesmo tempo, é ela que produz o que é identificado como risco, no caso, a facilidade na contaminação com as DST.

Podemos pensar, conforme reflexão de Dias (2016), no modo como os sentidos acerca da conectividade à Internet estão atrelados ao desenvolvimento dos países, das empresas e das pessoas. Estar conectado passa a ocupar o rol de elementos importantes e valorizados para o bem-estar e a vivência dos sujeitos. Condição técnica que é política e apresentado como relacionado as evoluções técnicas, aos avanços proporcionados por

tais modificações, tanto, que a sociedade compreendida como a que se deseja, é identificada como a “sociedade de informação ou de comunicação” (WOLTON, 2003, p. 31), esse ideal está atrelado as técnicas dominantes e ao seu desenvolvimento, esse é o sentido de futuro e é no presente que isso é constituído, efetivado e produzido.

A informação ganha novos contornos e formas na nossa sociedade contemporânea, em que novas condições de produção são estabelecidas. As novas formas de relação com a informação também são novas relações do sujeito com a linguagem. No discurso das TIC, temos o entendimento equivocado de que o sujeito da informação é livre em suas escolhas. Sujeito, pretensamente capaz de tudo, potente e dependente de si, desconsiderando as condições de produção e suas relações com o ideológico nesse processo, como se ao sujeito, bastasse o acesso as tecnologias para que tudo fosse resolvido. Pensemos no nosso *corpus*: o sujeito-gay dos aplicativos teria o contato com quem pretendesse, destinado a encontrar tudo que desejasse, seja o sexo rápido, parceiro fixo, fetiches, enfim, um universo de possibilidades. Isso é produzido em uma ilusão atrelada ao próprio desenvolvimento do ciberespaço (WERTHEIM, 2001).

Tecnologias, em especial as TIC, ocupam cada vez mais espaço na vida contemporânea, ainda mais em um contexto de globalização e efusão da conexão financeira, política e empresarial no mundo (CASTELLS, 2005; WERTHEIM, 2001). Segundo Wolton (2003), é importante compreender que existe pouca reflexão sobre o processo de desenvolvimento frenético das TIC, já que ocorre a compreensão de que essas mudanças estão vinculadas a um ideal de progresso e esse seria inquestionável. Partindo das reflexões elaboradas no bojo teórico da AD, área que nos últimos anos têm produzido pesquisas interessadas na questão do ciberespaço, do digital e das TIC, contribuindo com questionamentos e análises sobre sentidos que circulam com naturalidade sobre e no ciberespaço (BARBAI, 2016; DIAS, 2016).

É necessário compreender que temos diferentes condições de produção dos discursos no ciberespaço e que isso afeta a relação da produção dos sentidos por parte dos sujeitos, particularidades que devem ser levadas em conta no processo de análise desses materiais. Pensemos nos processos de relação com parceiros por meio de espaços *on-line*, Dias (2016) argumenta que o primeiro contato é realizado na estrutura digital, o que leva a um processo mediado pela ausência, já que não se tem o outro visível por inteiro, pelo menos no primeiro momento, não se tem uma relação ao vivo, física, mas que é de outra ordem, na qual o sujeito projeta sobre o outro sujeito representações,

fantasias, desejos, desse modo, as formulações sobre o outro são realizadas com base no que se crê sobre o outro, no que é discursivizado e circula, por meio do acesso ao perfil, fotos e trocas de mensagens. As relações discursivas envolvem esses processos e interferem na formulação dos sentidos pelo sujeito.

Em meio as redes que não cessam de surgir e crescer, nos desperta a atenção o modo como espaços voltados para os sujeitos-*gays* ganham destaque e ressignificam a forma de estabelecer contatos e laços visando interesses afetivos, sociais e sexuais. Segundo Miskolci (2013), o uso do ciberespaço, como as salas de bate-papo por sujeitos-*gays* é uma realidade e a popularização da internet comercial propiciou seu uso como espaço de socialização homoerótica. São muitos os casos em que a vivência dos interesses homossexuais não são tornados públicos, mas são vivenciados por meio de contatos por meio do ciberespaço, com sujeitos desejosos do encontro em meio ao anonimato e a segurança idealizados como qualidades do universo digital. Miskolci (2013, p. 308) argumenta que:

[...] a internet entra como importante elemento destensionador, pois nas plataformas *on-line* é que se sentem com mais controle e capacidade de evitar que seus desejos homo interfiram em sua vida cotidiana. Com esse intuito, a maioria articula várias plataformas da internet em sua vida social, mas, por vivenciar sua sexualidade de forma secreta, tende a duplicar seus perfis, mantendo um “oficial” que atende às demandas de conformidade aos valores sociais e outro no qual expressam seus interesses secretos.

A identificação desses sujeitos que buscam as redes do ciberespaço para vivenciar seus desejos e vontades, idealizando a falta de limites ou restrições, nos faz retomar as considerações de Wertheim (2001) acerca da idealização da estrutura técnica da internet como capaz de proporcionar ao homem, a vivência em uma espécie de Paraíso, de Céu, no qual as delícias e caprichos mais secretos podem tornar-se realidade, basta um clique ou toque na tela. No ciberespaço, é como se outra vida fosse possível, de forma anônima, sem riscos, punições e que pode ser desfeita a qualquer momento, isso ganha força no universo de relações dos sujeitos-*gays*, já que o receio do preconceito e da violência é uma realidade e afeta o modo como a busca por parceiros acontece, o que produz interferências na vivência da homossexualidade (MISKOLCI, 2009). Comprendemos que existe a ligação dos sujeitos-*gays* com a busca por parceiros por meio do ciberespaço e que isso acompanha o processo de transformação e modificação das tecnologias que propiciam a conexão.

O desenvolvimento de aplicativos de relacionamento voltados para os *gays* começa em 2009, com o lançamento do Grindr<sup>2</sup>. O funcionamento dessas tecnologias permitem que o usuário saiba a distância na qual parceiros potenciais se encontram, já que é um programa que funciona pela geolocalização, possibilitando o contato entre quem possua interesses semelhantes, atentos as informações publicadas no perfil ou pela foto ali disponibilizada, permitindo a troca de mensagens em tempo real, processo mediado pelo uso dos *smartphones*, o que facilita o processo de locomoção pela cidade e potencializa a busca por parceiros. Os aplicativos facilitaram as possibilidades, a praticidade e a simplicidade nos processos de buscar por parceiros, seja para sexo casual, amizade ou namoro (MISKOLCI, 2014).

Barbai (2016) defende que o discurso da tecnologia atrelado ao campo amoroso é constituído pelo capitalismo, em um jogo que marca a idealização do controle, gerenciamento e administração das possibilidades amorosas existentes. Ao sujeito, parece natural a idealização de que agora existam vários bancos de dados que asseguram a cobertura plena de todos os sujeitos-*gays* de uma região, facilitando processos de escolha mediante aos interesses de quem procura. É pela ideologia (PÊCHEUX, 1997) que o sujeito crê, ilusoriamente, nessa idealização de uma plenitude possível e sem furo, na existência de um banco de dados total, que não deixará nada de fora e permitirá a escolha de possíveis parceiros de modo prático. Um arquivo com as informações necessárias para bem escolher o que tanto se deseja, em um contexto sócio-histórico das redes e da estrutura urbana.

O sucesso dessas tecnologias desperta o interesse do campo científico, permitindo o interesse em investigações em campos variados, como os referentes a socialização, tecnologia, mas também no que diz respeito aos processos de transmissão das DST, com destaque para os riscos de contaminação do vírus HIV, já que houve a ampliação no número de parceiros sexuais potenciais e isso, conseqüentemente, gera o aumento nos riscos de contaminação com doenças sexuais. Importante destacar que iniciativas voltadas para a prevenção, considerando essas tecnologias como meio de atuar com novas formas de conscientização da importância do cuidado com as DST e promoção de ações de saúde pública (GOEDEL, *et. al.* 2015; KIRBY; THORNBERRY-DUNWELL, 2018).

---

<sup>2</sup>De acordo com os *sites* das empresas que administram os aplicativos, a data de lançamento do Grindr é 2009 e do Hornet é 2010.

Interessante pensarmos o modo como a questão discursiva permeia os aplicativos de relacionamento voltados para os sujeitos-*gays* ganham espaço no discurso jornalístico, no espaço institucional do Estado e no material produzido pelas próprias empresas que administram essas tecnologias. Tecnologias que produzem laço, que permitem relações entre os sujeitos.

### **Corpus e teoria da análise do discurso de linha francesa**

A AD é a estrutura de referência analítica, metodológica e teórica deste trabalho. Orlandi (2012, p. 27) define que a AD não é uma ciência exata, mas sim, uma ciência da interpretação e isso vai na direção de sua afirmação de que “a sociedade não é inerte e o sentido não é exato. O sujeito não é exato”. Sujeito e sentido não coincidem entre e em si, mas sim, movem-se, movimentam-se, deslocam-se. Desse modo, mobilizamos duas noções da AD para trabalharmos com nossos gestos de análise do *corpus* aqui selecionado, as noções de condições de produção e memória discursiva.

Discutir as questões do discurso implica em refletir acerca da noção de condição de produção, conceito importante para a estrutura teórica da AD, já que elas caracterizam o discurso. Abordar esse conceito tange considerar questões como a posição discursiva e o lugar no qual o sujeito ocupa em um dado contexto, já que no espaço social temos tensões entre diferentes sujeitos que ocupam espaços distintos na sociedade (ORLANDI, 1987). Ao levarmos em conta as condições de produção, temos a possibilidade de observar como ocorrem as relações de força no espaço discursivo, fundamentais para a constituição do sentido, de modo que tais condições são de ordem exterior ao discurso.

As condições de produção “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso. A maneira como a memória ‘aciona’, faz valer, as condições de produção é fundamental” (ORLANDI, 2007, p. 30), desse modo, condições de produção e a memória discursiva são dois conceitos imbricados. Condições de produção é uma noção que pode ser pensada em sentido amplo, o que inclui o contexto sócio-histórico; e em sentido imediato, atrelado ao que é enunciado, posto em discurso.

Temos outros traçados e condições de existência do próprio corpo nas condições de produção da atualidade, um corpo que está sempre em excesso, disponível para realizar *links*, estabelecer traçados que parecem infinitos, assegurando a eterna permanência do sujeito, que navegaria ali sem limites de ordem biológica (dor, fome,



sono, etc.). Um corpo que é discursivizado, classificado o tempo todo como aceitável ou não, sempre em relação com contextos específicos, nos quais pode ser refutado, considerado bonito, identificado como desejável para determinado fetiche, sentidos em movência, atrelados aos contextos, as condições de produção e sempre passíveis de serem outros, de produzirem novas significações.

A memória discursiva é trabalhada de maneira que se entende que o esquecimento a constitui, trabalhamos na linguagem com o já-dito, que é esquecido e retorna na enunciação, assim, interpelados pela ideologia cremos sermos os primeiros a dizer (ORLANDI, 2007). Memória que é trabalhada de maneira distante do aspecto psicologista que envolve as discussões acerca da memória individual, mas sim, a memória pensada no jogo social, no fazer histórico (PÊCHEUX, 2010).

[...] a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 2010, p. 52).

Não cabe pensar a memória como estrutura plena, fechada e completa, marcada por homogeneidade, mas é o contrário, já que envolve divisões, rupturas e deslocamentos que estilham possibilidades de pretender a regularidade. Memória que é “um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos” (PÊCHEUX, 2010, p. 56). A repetição e a regularidade marcam esse jogo de produção de evidências, assegurando retomadas (PÊCHEUX, 2010).

A relação de memória entre as DST e os sujeitos-*gays* é abordada por Soares (2006) ao analisar materiais jornalísticos sobre essa relação, com foco para o advento do aparecimento da AIDS e do HIV no Brasil, na década de 1980. No trabalho desenvolvido pelo autor, temos a questão do preconceito e de uma identificação da homossexualidade atrelada ao desenvolvimento do vírus HIV, na qual, durante muito tempo houve a veiculação de sentidos de associação direta entre eles.

Na constituição dos sentidos sobre a homossexualidade, a circulação de marcas atreladas a criminalidade, doença e pecado, com o *gay* como invertido e imoral, permitiu a circulação de sentidos relacionados a iniciativas de limpeza moral, eliminação do pecado, punição para algo identificado como crime e fomento a iniciativas médicas que visassem o tratamento da homossexualidade, iniciativas visando



sua eliminação<sup>3</sup> (SOARES, 2006). Essa memória ressoa nos dias atuais e é muitas vezes repetida, funcionando em inúmeras formações discursivas, como no espaço jurídico e político, como observamos nos dias atuais, em que iniciativas voltadas ao tratamento da homossexualidade ou a circulação de dizeres condenatórios do espaço religioso, especificamente Cristão, circulam em instâncias outras, em distintas formações discursivas, obtendo espaço e aprovação, assegurando legitimidade para dizeres de condenação da vivência da homossexualidade.

Pelo funcionamento da memória, das retomadas e das rupturas, dessa constituição que propicia que algo fale antes, que seja essencial na constituição do dizer dos sujeitos e das instituições, marcados por esquecimentos que são constitutivos (PÊCHEUX, 1997, 2010). A retomada da luta contra a AIDS e o HIV, não é aleatória, mas reverbera em uma memória que estabelece uma ação, a necessidade de cuidados e o estímulo à prevenção por parte deste grupo. É algo que reverbera, possui consistência naquilo que ressoa e significa na memória, que faz sentido e parece óbvio que conste ali. Algo que circula com naturalidade nas informações dos espaços da imprensa, com a cobertura do que é posto como demandas e preocupações do nosso cotidiano e também com informações nos próprios aplicativos e nos campos para a inclusão nessas redes. Não cabe explicação dessa relação de memória, apenas sua repetição, relação que reverbera antes, pois já significa.

O discurso jornalístico funcionaria como discurso sobre, já que a imprensa atua no relato do que ocorre no mundo, inscrevendo o mundo como objeto. Os assuntos abordados nos espaços jornalísticos, em inúmeras áreas, são atrelados a uma exterioridade, a um já-lá aos assuntos abordados ali. O discurso jornalístico atua na produção da institucionalização de determinados sentidos no espaço social. Discurso que institucionalizado atua com a produção de uma memória sobre o que já foi (passado) e o que virá (futuro). Essa institucionalização é realizada e posta na ordem da evidência e da legitimidade, posição de quem sabe o que diz e possui credibilidade (MARIANI, 1998). Em nosso *corpus*, elementos como as falas do Ministro da Saúde e o uso de argumentos referentes a pesquisas científicas são exemplos de modos pelos quais o discurso jornalístico encontra terreno para a produção da legitimidade, o efeito de seriedade.

---

<sup>3</sup>No Brasil, volta a ser discutida a liberação de iniciativas voltadas ao “tratamento” de homossexuais por meio de uma liminar fornecida por um juiz de primeira instância do Distrito Federal, isso ocorreu em setembro de 2017.

No discurso jornalístico, temos o apagamento da identificação de que há uma interpretação, em nome de uma compreensão de que ele apresenta o mundo como é, como os fatos e as coisas acontecem, sem que haja juízo de valor ou interpretações pessoais. Simplesmente ocorreria a narrativa sobre o mundo como ele é. O didatismo no espaço jornalístico apenas reforça a ilusão da objetividade do relato jornalístico, de algo simples e fácil para ser consumido por um sujeito-leitor que não daria conta sozinho de entender o que ocorre no mundo sem essa verdadeira tradução ali apresentada (MARIANI, 1998).

Dizendo de outro modo, a ‘objetividade’ dos fatos, ie, sua evidência de visibilidade, resulta inevitavelmente de um gesto interpretativo que se dá a partir de um imaginário já constituído. Sendo assim, ao relatar os acontecimentos os jornais já estão exercendo uma determinação nos sentidos (MARIANI, 1998, p. 63).

É importante marcar que compreendemos que a imprensa de referência produz seus dizeres de um lugar, atrelada aos interesses de um grupo social e aos seus próprios interesses. A produção do discurso é realizada atrelada a constituição histórica do que é posto como um lugar para a imprensa produzir discursos e sentidos, resultando em referências sobre os mais variados assuntos. Nesse sentido, a neutralidade, assim como a transparência da linguagem, não existem, mas são, sim, efeitos produzidos pela ideologia (MARIANI, 1998).

Ao analisarmos o discurso produzido no espaço jornalístico sobre esses aplicativos, recuperamos duas reportagens, publicadas pelo portal G1 e a versão *on-line* do jornal O Estado de S. Paulo, que constituem nosso *corpus* e nos permitem observar com atenção o modo como a questão da relação dessas tecnologias e o desenvolvimento das DST é apresentada:

[R1] O Ministério da Saúde criou cinco perfis falsos que serão usados em aplicativos de paquera como parte de uma campanha para ajudar na prevenção à Aids neste carnaval. A estratégia estará nos apps Tinder e Hornet, que promovem encontros casuais, para alertar a população sobre a importância do sexo seguro. Em conversas com usuários, a ideia é que esses perfis se identifiquem como pessoas em busca de sexo sem camisinha. Durante o papo online, serão divulgadas mensagens sobre a importância da prevenção e sexo seguro<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> CARVALHO, Janaina. Governo cria perfis falsos em aplicativos para combater a Aids. **Portal G1**. 09/02/2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2015/02/aplicativos-ajudam-campanha-de-conscientizacao-sobre-risco-da-aids.html>. Acesso em: 25 set. 2017.

[R2] Na última semana, uma das mais importantes ONGs que trabalham com prevenção à aids nos Estados Unidos lançou uma campanha que relaciona os aplicativos de encontro para celular Tinder e Grindr às doenças sexualmente transmissíveis clamídia e gonorreia. Especialista da Aids Healthcare Foundation (AHF) alertam que a facilidade dos aplicativos com localização (que mostram quem está por perto) em promover sexo casual e anônimo está fazendo com que mais jovens se exponham ao risco de DSTs. Para eles, conseguir um parceiro agora é tão rápido e fácil como pedir pizza. A matéria foi publicada no *Daily Mail*.<sup>5</sup>

Observamos que a memória discursiva é constituída pelos esquecimentos. Esquecimentos que asseguram que algo fala antes, por isso, não é aleatório que entre tantas DST existentes, o HIV ocupe destaque na discussão da comunidade homossexual. Existe uma memória que sustenta essa relação, dizeres anteriores que costuram uma relação que não emerge, em outras condições de produção e contextos, mas se faz atual, como se fosse evidente que esteja ali presente, sem necessidade de justificativas.

Nos dois recortes analisados, a facilidade do sexo é algo enunciado, falado como componente dos dias atuais, da ordem da rotina de muitas pessoas que utilizam essas tecnologias para estabelecer o contato com outros usuários. O sexo é identificado como algo banalizado, “fácil como pedir pizza” [R2], isso produz efeitos que são verificados por meio do aumento no número de pessoas contaminadas por DST variadas, como “Aids”, “clamídia” e “gonorreia”. Preocupação que não é produzida de maneira aleatória, mas respaldada pelo discurso institucional, verificado no interesse do Ministério da Saúde do Brasil, da entidade internacional (Aids Healthcare Foundation (AHF)) e dos próprios órgãos de imprensa que noticiam a necessidade da importância da prevenção a essas doenças, alertando para o seu aumento, facilidade de contaminação e as iniciativas institucionais que justificam a preocupação. Frisamos como aparece essa significação de alerta, já que ela é observada tanto no espaço dado para ações de prevenção dos aplicativos, quanto ao discurso de preocupação produzido e observado nos dois excertos analisados.

Os aplicativos são identificados e celebrados por promoverem a facilidade na busca por novos parceiros, mas observamos deslizamentos nos recortes 1 e 2. A facilidade nos encontros é problematizada, identificada como algo que potencializa as chances de contrair alguma das DST existentes. Ao mesmo tempo, pelas facilidades de produzir laço com o outro, o contato é facilitado e isso permite potencializar ações

---

<sup>5</sup> BOUER, Jairo. Sexo fácil como pizza. **O Estado de S. Paulo**. 04/10/2015. Disponível em: <http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,sexo-facil-como-pizza,1773974>. Acesso em: 25 set. 2017.

voltadas para a prevenção dessas doenças. Temos deslocamentos no uso dos aplicativos de lugares de promoção de encontros, para locais potencialmente perigosos no que diz respeito a transmissão de DST e realização de iniciativas de prevenção.

Barbai (2012) argumenta que nas redes de sociabilidade, o perfil funciona marcando a existência do sujeito na rede, é pelo perfil, que o sujeito existe, pertence a esse espaço, estabelecendo laços com conhecidos e desconhecidos, estejam próximos ou distantes fisicamente. O sucesso das redes de sociabilidade está em seu poder de promover a comunicação de modo prático e rotineiro. Compartilhar o perfil no espaço das redes é produzir um gesto de instalar-se ali, estabelecer sua existência neste lugar, marcado pela ilusão de ser sem fim, no qual o número gigantesco de usuários afeta a relação, espaço de encontros e desencontros, da produção do novo e das repetições. A conexão produz uma série de laços e relações entre os sujeitos, de modo que a tecnologia embaralha o jogo entre presença e ausência, entre o real e o virtual.

As tecnologias de comunicação transformaram-se em instrumentos de sociabilidade. Das redes sociais aos telefones portáteis, nós desenvolvemos formas específicas de habitar e de construir um comércio interpessoal. Estamos, portanto, no fluxo contínuo de informações que atravessam o corpo da cidade, em contato e ligados uns aos outros (BARBAI, 2012, p. 62).

O sexo sem proteção é identificado como negativo, como passível de oferecer riscos. O sexo celebrado é aquele no qual a proteção se faz presente e essa proteção é obtida por meio da tecnologia, já que o preservativo ou medicamentos, como o PrPE, são exemplos da evolução técnico-científica compreendida como necessária ao sexo seguro. O discurso que cerca as preocupações sobre as DST são legitimados e produzidos por empresas, entidades de saúde e instituições públicas. É uma preocupação considerada válida, necessária e a conscientização do sujeito algo importante, nesse sentido a informação é elemento considerado relevante na contemporaneidade, meio pelo qual as coisas avançam.

Em reportagem na versão *on-line* do jornal O Estado de S. Paulo, temos o reforço sobre a necessidade de investir em novas ações de prevenção frente ao *boom* das DST, pois vivenciamos uma época na qual o “sexo e fácil como pedir pizza” [Recorte 2], principalmente, para os sujeitos-*gays*, aliás, a reportagem reforça que esse é o grupo que precisa de mais atenção nesse contexto.

No discurso jornalístico temos a difusão do discurso balizado, oficial, no qual o uso das tecnologias é essencial para categorizar a proteção no sexo. Não existe como

escapar disso. É necessário, não apenas para a sua segurança, mas a de todos, já que um sujeito doente. No discurso difundido é importante a preservação do *status* de saudável, temos a difusão disso no discurso jornalístico e oficial, balizado pelo Ministro da Saúde do país, entidades internacionais especializadas no trabalho com as DST e órgãos renomados de imprensa de referência, como observado no *corpus*. É da responsabilidade do sujeito adotar a prevenção com o uso do preservativo, cabe a ele cuidar de si e ser consciente, desse modo, a informação é elemento essencial para o sujeito da contemporaneidade.

O uso do recurso do medo, descredencia outras formas de vivenciar a (homos)sexualidade. Temos a divisão das práticas consideradas adequadas e inadequadas no campo do sexo. O sexo desprotegido, como também práticas não monogâmicas, e práticas como o *barebacking* são identificadas como perigosas e equivocadas.

O discurso jornalístico não é produzido de qualquer lugar, mas ancorado em uma memória que sustenta sua relevância e necessidade em nossa sociedade. A “estratégia” para lidar com a conscientização da prática do sexo seguro é uma necessidade, algo que ganha relevo e importância. A “informação”, por si só não basta, é elemento importante, mas não o único, já que ter a informação não evita a prática do sexo sem proteção e isso é apresentado na discussão realizada. É importante propiciar a relação do sujeito com a naturalização desse sentido de ‘necessidade’ do uso do preservativo, é fundamental que o sujeito incorpore uma relação de união perfeita entre o sexo e a preservação. Não há outra relação identificada como possível.

A marca “dados evidenciam” é relevante para pensarmos como existe uma naturalização na contemporaneidade sobre a essencialidade do discurso científico balizando as afirmações realizadas. O discurso científico é mobilizado para produzir sentidos de precisão e a não possibilidade de refutação dos dados apresentados, sentidos que circulam de novas maneiras e em relação a outros sujeitos.

### **Considerações Finais**

As análises apresentadas pretendem discutir o modo como as condições de produção e a memória discursiva constituem o processo de funcionamento do discurso. Analisamos, em nosso *corpus*, questões referentes ao universo da imprensa, em especial no meio digital, e do funcionamento do universo de uma rede do ciberespaço, desvelando a não obviedade dos sentidos e o modo como o que parece óbvio, que é

posto como naturalizado de aparecer e circular em determinado contexto, não é por si só natural, mas afetado pelo funcionamento da ideologia.

A memória discursiva sustenta a produção dos sentidos, fornece condições para que ocorra a relação com o já-lá, o que permite refletimos sobre os sujeitos-*gays* e a relação deles com espaços de relacionamento *on-line*, como isso possui uma relação, um trajeto que persiste e hoje ganha contornos que repetem antigos movimentos e produzem novos gestos, novos elos e sentidos.

Em meio a produções discursivas, observamos o modo como o HIV ganha espaço nas discussões sobre os aplicativos de relacionamento voltados para os sujeitos-*gays*, inscrito como algo que significa e é importante para esses sujeitos. Observamos que é pelo gesto da memória e com a reflexão das condições de produção que podemos melhor compreender como essa significação ocorre e é naturalizada. Gestos de análise produzidos e que consideram a historicidade e o funcionamento do discurso para permitir análises acerca do modo como as DST, em especial, o HIV ainda ressoa e estabelece filiações junto aos homossexuais, em um processo que é distinto do realizado em outros momentos, mas que possui relação fundamental e fundante, assegurada pelo funcionamento de algo que diz antes.

Trabalhar com a linguagem envolve o movimento de desestabilização do que parece inquestionável. Cabe ao sujeito-analista produzir tensões, ranhuras e expor aos sujeitos-leitores a opacidade dos discursos e o modo, como, repetindo Pêcheux (1997), nada é óbvio, mesmo o discurso que se pretende informativo, como observado no *corpus* do trabalho.

## REFERÊNCIAS

- BARBAI, Marco Aurélio. Cidade e tecnologia: corpo e afeto no laço geossocial. **Revista RUA**, Campinas, n. 22, out. 2016, p. 301-313.
- BARBAI, Marco Aurélio. Litígios no ciberespaço: a rede na ponta da língua. *In*: CARROZZA, Guilherme; SANTOS, Mirian dos; SILVA, Telma Domingues da (org.). **Sujeito, sociedade, sentidos**. Campinas, Editora RG, 2012. p. 59-77.
- CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. *In*: MORAES, Dênis de (org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005. p. 255-288.
- DIAS, Cristiane. Para uma compreensão discursiva do digital: o sentido de tecnologia. *In*: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans (org.). **A análise do discurso e sua história: avanços e perspectivas**. Campinas: Pontes, 2016. p. 297-309.

GOEDEL, William C. *et al.* HIV Risk Behaviors, Perceptions, and Testing and Preexposure Prophylaxis (PrEP) awareness/Use in Grindr-using Men Who Have Sex with Men in Atlanta, Georgia. **Journal of the Association of Nurses in AIDS Care**, v. 27, n. 2, p. 1-10, mar./apr. 2015.

KIRBY, Tony; THORNER-DUNWELL, Michelle. Phone apps could help promote sexual health in MSM. **World Report**, v. 384, n. 9952, oct. 2018. Disponível em: [http://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(14\)61849-3/fulltext](http://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(14)61849-3/fulltext). Acesso em: 10 out. 2019.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)**. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

MISKOLCI, Richard. Machos e brothes: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas *on-line*. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, jan./abr. 2013. p. 301-324.

MISKOLCI, Richard. O armário ampliado - notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. Niterói, **Revista Gênero**, v. 9, n. 2, p. 153-170, jan./jun. 2009.

MISKOLCI, Richard. San Francisco e a nova economia do desejo. **Lua Nova**, São Paulo, v. 91, 2014. p. 269-295.

ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1987.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni. **Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia**. 2 ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. *In*: ACHARD, Pierre *et al.* **Papel da memória**. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 2010. p. 49-57.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas, Editora da UNICAMP, 1997.

PICON, Antoine. O dinamismo das técnicas – entrevista com Antoine Picon. *In*: SCHEPS, Ruth (org.). **O império das técnicas**. Campinas: Papirus, 1996. p. 25-35.

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia**. São Paulo: Nobel, 1994.

SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari. **A homossexualidade e a AIDS no imaginário de revistas semanais (1985-1990)**. 2006. 235 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

WERTHEIM, Margareth. **Uma história do espaço de Dante à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.



WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?** Uma teoria crítica das novas tecnologias. Porto Alegre: Sulina, 2003.

**Como referenciar este artigo:**

BASTOS, Gustavo Grandini. Os sujeitos-gays e os aplicativos de relacionamento: sentidos sobre as doenças sexualmente transmissíveis no jornalismo brasileiro. **Revista Linguagem**, São Carlos, v. 37, Número Temático, p. 36-51, janeiro, 2021.